



FACULDADE DE CIÊNCIAS DA SAÚDE DE UNAÍ - FACISA
CURSO DE NOME DO CURSO

NOME DO ACADÊMICO (A)
NOME DO ACADÊMICO (B)

TÍTULO DO TRABALHO: Subtítulo do Trabalho.
RESENHA

UNAÍ – MG
2020

NOME DO ACADÊMICO (A)
NOME DO ACADÊMICO (B)

TÍTULO DO TRABALHO: Subtítulo do Trabalho.
RESENHA

Resenha apresentada ao curso de (nome do curso) da Faculdade de Ciências da Saúde de Unaí, como requisito parcial para aprovação.

UNAÍ- MG

2020

ENTRE OS MUROS DA ESCOLA RESENHA

NEVES, Dener¹
PEREIRA, Arthur²

Palavras-chave: Escola. Diversidade étnico-cultural. Exclusão.

François Bégaudeau escreveu em 2006 seu terceiro romance, intitulado *Entre les murs*, inspirado a partir de sua experiência como professor na Zona de educação prioritária (ZEP), no *Colégio Mozart* em Paris, foi coroado com o Prêmio *France Culture / Télérama*, ele também estrelou no filme que recebeu a Palma de Ouro no Festival de Cannes 2008, e uma nomeação ao *Oscar* para Melhor Filme Estrangeiro em 2009 (embora ele perdeu para o *Japão's Departures*). Entre os muros é uma obra autobiográfica e uma crítica poderosa às relações de poder presentes na escola narrado a partir do drama pessoal de um professor em uma escola de periferia.

Entre os Muros da Escola, do diretor Laurent Cantet, baseia-se no livro homônimo de François Bégaudeau, que atua no filme como professor Marin para mostrar algumas de suas experiências como educador. Apesar de não ser um documentário sobre o sistema de ensino francês o longa nos permite identificar algumas características relevantes sobre problemas e virtudes do sistema educacional, através de algumas representações de personagens.

A primeira cena de Entre os muros, apresenta uma reunião entre professores e servidores de uma escola pública, discutindo o início do novo bimestre. Acompanhamos o debate dos professores acerca do comportamento dos alunos de 7º e 8º anos, denotando aquele que viria a ser o ritmo do filme. A partir de então a obra centra-se especificamente na classe do 8º ano, sua imensa diversidade cultural e étnica e, sobretudo o choque de civilização que permeará as cenas a seguir.

François Marin, um professor de francês vivido por François Bégaudeau (autor do livro que dá título ao filme), é um professor oprimido pela difícil realidade de exercer o papel de educador num centro urbano como Paris. Sua luta em convencer os alunos a incorporarem o idioma francês é um dos pontos limites da

¹ Mestre em Educação, professor do curso de Psicologia.

² Doutor em Psicologia, Coordenador do curso de Psicologia.

trama e que pode ser interpretado como uma espécie de "processo civilizador" imposto a esses alunos de diferentes etnias. Marin muitas vezes parece esquecer do enorme fosso social que há entre a sociedade francesa e sociedades compostas por adolescentes de 13 a 15 anos latino-americanos, negros, africanos, árabes, asiáticos e franceses das camadas populares. É a linguagem o grande campo de batalha onde é travado o conflito cultural encenado neste filme.

Esse choque fica evidente tanto na relação intempestiva do professor com os alunos composta de africanos, asiáticos, americanos e franceses. Desde a primeira aula encenada no filme a tensão é destaque das relações entre todos os envolvidos nela, a dificuldade do professor em organizá-los para cada aula nos faz crer que os velhos problemas da nossa escola parecem ser universais. A perda de tempo constante, os celulares, e tudo o mais que possa arrancar-lhes dali por alguns segundos, associado à atitude irônica e jocosa dos alunos de Marin, nos fazem sentir em uma escola brasileira.

É fácil imaginar que a atitude arrogante, às vezes rebelde de boa parte da classe do professor Marin constitui-se em um mecanismo de defesa as condições sejam financeiras ou de exclusão típicos de uma classe de adolescentes em uma escola de periferia, que no caso em questão agravado por ser constituída em sua maioria por imigrantes ou filhos de imigrantes principalmente negros e asiáticos.

Chama atenção a cena ainda na primeira parte do filme, em que dois professores discutem a possibilidade de um trabalho interdisciplinar, onde o esforço de um e a recusa do outro mais uma vez nos é muito familiar ao professor brasileiro seja por problemas estruturais, falta de disposição docente e até questões políticas mais complexas.

Neste filme assistimos a dificuldade, a despeito dos esforços do professor Marin, de estabelecer o diálogo com seus alunos. O que pode ser representado de forma mais aguda desde o questionamento de sua preferência sexual até os constantes protestos da classe em relação a suas queixas quanto ao desempenho e interesse deles. Ilustra muito bem essa distância com a cena quem que um dos professores visivelmente transtornado atribui aos alunos da escola adjetivos muito fortes que representam o abismo que existe nas relações entre professores e alunos nesta e em grande parte das escolas.

Na tentativa mais impressionante de diálogo com a classe o professor Marin, o autor usa uma simbologia poderosa ao enfatizar a leitura do Diário de Anne Frank,

como exemplo de autorretrato que Marin sugere que a classe escreva, na tentativa frustrada de estabelecer o diálogo com a turma. Percebemos a tentativa do autor de estabelecer uma conexão com o drama do povo judeu perseguido na Alemanha Nazista e o colonialismo *in solo* o qual os adolescentes retratados são sujeitos pela figura do professor, e a resistência ferrenha dos alunos a imposição cultural que se dá nesta visão do autor, através do ensino da linha francesa.

O embate entre a classe formada em sua maioria por imigrantes e o professor, que parece emular a própria ideologia estatal é o núcleo central da trama, cujo desfecho, através da exclusão do garoto Souleymane reforça a ideia clássica de que a metrópole sempre se impõe sobre a colônia, e neste caso mais uma vez, através da força.

Toda a trama segue desenvolvendo-se a partir desse conflito de poder, de um lado o professor procurando impor e impor-se, de outro, grande parte da classe, representada em sua imensa maioria por imigrantes na constante recusa aos princípios e ideias do professor, que como sugere a visão de Bégaudeau, representar o próprio estado francês e sua relação conturbada com os imigrantes, relação fartamente documentada na imprensa nos últimos anos.

Não menos importante, o filme expressa a relação professor-aluno de maneira desnuda independente do contexto social que representa. Mais do que contundente, é um drama sufocante sobre uma relação que acima de tudo é de poder que se inicia no campo da linguagem. A escola de Marin, que poderia facilmente retratar nossa escola que como a dele, também se sustenta nessa relação de poder e dominação travestida de democrática que facilmente confunde o homem comum com seu discurso fácil de acesso igual a pessoas iguais em um mundo de oportunidades iguais. Essa contradição é demolida com sagacidade pelo autor, pois Bégaudeau consegue através da rudeza da relação sufocante entre o professor e a classe, incitar a discussão não na falta de disciplina dos alunos, nas no desajuste da escola em lidar com pessoas tão diferentes sem criar um ambiente hostil.

Mantendo o tom realista e crítico da obra, Bégaudeau encerra o filme com uma cena que retrata a escola após a exclusão de Souleymane, com improvável retomada a normalidade e à disciplina, e a sensação de dever cumprido sugeridos pela cômica partida de futebol entre os estudantes e o corpo docente da escola no pátio e a crítica a essa postura no olhar de desalento e perplexidade do professor

François Marin. Esse olhar franco e desalentador é o mais intenso dessa obra, pois contrasta com os olhares românticos que os desavisados poderiam ter ao se depararem com o a licença poético-social da última cena de *Entre Les Mus*. É uma obra que no contexto da discussão política do que é, e o que significa a educação, pode inspirar no professor um reencontro de reflexão consigo mesmo, sobre o significado do seu trabalho e as essas relações que poder que ele envolve.

REFERÊNCIA

ENTRE OS MUROS DA ESCOLA (filme). *Entre Les Mus* (título original). Direção: Laurent Cantet. Roteiro: Laurent Cantet, François Bégaudeau e Robin Campillo, baseado em livro de François Bégaudeau. Produção: Caroline Benjo, Carole Scotta, Barbara Letellier e Simon Arnal. Elenco: François Bégaudeau (François Marin), Nassim Amrabt (Nassim), Laura Baquela (Laura), Cherif Bounaidja Rachedi (Cherif), Juliette Demaille (Juliette), Dalla Doucoure (Dalla), Arthur Fogel (Arthur). Estúdio: Canal+ / France 2 Cinéma / Haut et Court / Memento Films Production/ Centre National de la Cinématographie. Gênero: drama. Tempo de duração: 128 minutos. Ano de lançamento (França): 2007. DVD.

O ROTEIRO PARA ELABORAR UMA RESENHA

ROTEIRO PARA ELABORAÇÃO DO TEXTO DA RESENHA:

- ✓ Informar ao leitor quem é o autor da obra (informações gerais de sua qualificação acadêmica, profissional, principais obras publicadas, outros).
- ✓ Descrever qual o tom do texto;
- ✓ Descrição sumária de: partes, capítulos, índices, que técnicas foram utilizadas na sua elaboração (metodologia);
- ✓ Resumo da obra (digesto): salientando objeto, objetivo, gênero (ensaio literário, artigo acadêmico, monografia, relatório científico, livro, manual, apostila, vídeo, áudio, evento).
- ✓ Discorrer sobre os pontos de vista que defende, sua ideia principal, se exige algum conhecimento prévio para entendê-la.
- ✓ Quais foram as conclusões a que o autor chegou?
- ✓ Crítica do resenhista: Qual a contribuição da obra? As ideias do autor são originais? Como é o estilo do autor: conciso, objetivo, simples? Realista? Idealista? Existem opiniões de outros autores sobre o assunto?
- ✓ Indicações do resenhista: A quem é dirigida a obra? A obra é endereçada a qual disciplina? Pode ser adotada em algum curso? Que outras leituras são recomendadas?

(É compreensível que nem todos esses elementos estejam presentes na resenha, ou ainda nesta mesma ordem, pois cada obra resenhada tem suas particularidades - Este é um roteiro clássico que pode ser adaptado segundo o material resenhado e o estilo do resenhista).

Envio de trabalhos e dúvidas:

ceplic@facisaunai.edu.br

PROF. DÊNÉR NEVES